

A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NOS ESTÁGIOS DO CURSO DE TEATRO LICENCIATURA

EDUARDA PEREIRA¹; ANDRISA KEMEL ZANELLA²:

¹Universidade Federal de Pelotas – dudapereira2407@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andrisa.kemel@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se caracteriza por ser um relato de experiência que tem por objetivo visibilizar a importância que a parceria entre as instituições de ensino básico e ensino superior, a partir dos estágios curriculares supervisionados do Curso de Teatro Licenciatura da UFPel, repercute no/a estudante da educação básica em relação a ampliação do repertório cultural e formação de público, bem como, na formação do/a futuro/a professor/a. Nele irei apresentar observações feitas em duas turmas de ensino médio de diferentes modalidades de ensino - uma escola estadual e um instituto federal - usando como norteadores de reflexão hooks (1994), MARQUES (2006), os relatos de FERREIRA (2006), KOUDELA (2009) e PUPO (2018).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Experiência no Estágio I: A primeira escola possui a prática anual de realizar um sarau cultural entre os alunos, em que eles devem organizar e apresentar uma dinâmica para toda a escola. Ao aceitarem nossa presença, a preocupação inicial foi sobre como integrar o Novo Ensino Médio sem prejudicar a rotina escolar e a dinâmica dos alunos. Além disso, os professores responsáveis pelos novos itinerários buscam constantemente aprender sobre os conteúdos a serem abordados e, diante de conflitos sobre as disciplinas, recorrem a materiais de apoio externos, como oficinas, instrutores e palestras, para evitar transmitir informações incorretas.

Experiência no Estágio II: A segunda turma segue um modelo de educação com caráter técnico, onde poucas vezes são estimulados ou têm permissão para levantar questões e apontamentos sobre a sociedade de maneira mais expressiva, além de perceberem a importância dos processos e não apenas dos resultados. Apesar dessas limitações, tratava-se de uma turma cheia de energia e disposta a experimentar novas formas de manifestar e protagonizar seus pensamentos. A pesquisadora Koudela fala: “A ida ao teatro é extracotidiana em relação à rotina escolar. Mas ela pode ser transformada em oportunidade para criar uma situação de ensino/aprendizagem, na qual a descoberta e a construção de conhecimento estejam presentes, através da preparação antes da ida ao teatro e na volta à escola” (KOUDELA, 2010).

Durante minhas experiências nos estágios I e II, observei uma dinâmica presente na minha prática docente e um certo padrão nas respostas dos alunos quando surgiam questões sobre a importância da Arte (especificamente o teatro) e sobre os produtos culturais que consomem. As respostas frequentemente denotam

neutralidade ou um teor abrangente, por exemplo, o desconhecimento ou desinteresse sobre refletir a importância da Arte, não considerar seu impacto ou vê-la apenas como algo “bonito” ou meio de expressar sentimentos ocultos.

Em relação ao consumo cultural, devido ao fácil acesso às telas desde cedo, é compreensível a tendência dos alunos a preferirem conteúdos oferecidos pelas mídias sociais. Nesse sentido, a pesquisadora e professora Taís Ferreira aborda questões relacionadas a palco e plateia - onde o espaço teatral (seja qual for ele) deve atravessar o espectador e unir a diversos complementos - em seu pré, durante e pós espetáculo, e quais diferentes mediações pode-se fazer. Vale ressaltar que no livro ela fala sobre a experiência com crianças, sendo possível trazer para o contexto do ensino médio (mediações contextuais, pessoais, referenciais e de mídias), obtendo um resultado satisfatório. A autora destaca: “Para que tenhamos estudos de recepção que possam contribuir ao entendimento dos mecanismos envolvidos em tais práticas culturais, é preciso tornar relevante e valer-se da análise das várias instâncias/etapas (...)”. (FERREIRA, 2006).

Em uma cidade com uma grande variedade de círculos culturais, mas onde há baixa participação popular, foi o disparador para refletir sobre os alunos dos estágios I e II. Em relação ao contato com uma escola estadual considerando o contexto dos itinerários do Ensino Médio e o desamparo em sua execução. E, no instituto federal, uma formação voltada à realidade do mercado, sem estimulá-lo a promover mudanças.

Diante disso, não apenas capacitar os educadores em seu constante processo de formação, mas também promover um ambiente de aprendizado mais rico e transformador para todos os alunos, como aprendizes e espectadores foi meu foco como estagiária. Minha estratégia foi levar fragmentos dramáticos já elaborados durante o curso por nós, estudantes da licenciatura, apostando em uma dramaturgia que, de acordo com o perfil da turma, fosse de fácil conexão, integrando-as ao fazer teatral. Isso possibilitou que os alunos do ensino médio pudessem experimentar o jogo e as aulas propostas, instigando a curiosidade sobre o meio acadêmico, afinal, no contexto do estagiário ambos os lados estão juntos no mesmo exercício: de escuta e aprendizado, científico e social.

Até o momento, essa abordagem tem se mostrado bastante eficaz, conseguindo a interação até mesmo dos alunos mais introvertidos ou que demonstram resistência em participar das aulas. Mas o que isso tem a ver com o ensino básico e o ensino superior?

Realidades muito diferentes, com alunos em contextos e vivências muito distintas, as ideias de Marques mencionam a necessidade de reestruturar constantemente as relações na sala de aula, reconhecendo que a educação não ocorre em um espaço uniforme. Conforme o autor: “diversidades que não se suprimem, mas se acentuam para se recomponem como multipolaridade de possibilidades da ação conjugada e das identidades grupais” (MARQUES, 2006, p.116). Isso se alinha com a ideia de bell hooks (1964) sobre a diversidade na sala de aula, onde todos os alunos, independentemente de sua origem, devem sentir que têm voz.

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadoras (hooks, 1994, p.63).

As ideias dos dois autores ressaltam sobre como o espaço físico e social se interpenetram, sugerindo a sala de aula como um microcosmo das relações sociais mais amplas, e como comunidade, onde a colaboração e a construção conjunta do conhecimento são essenciais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de focar na ampliação do repertório cultural a partir da vivência do teatro em sala de aula, como relatado acima, investi na proposta de formação de público, buscando estimular o interesse deles pela recepção. Ambas as turmas - apesar de contextos de ensino diferentes - foram convidadas para vir até o espaço do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e assistir espetáculos onde as estagiárias participaram da construção (seja em cena ou fora dela). Muitos alunos pela primeira vez tiveram o contato com a experiência de ir ao teatro e ao mesmo tempo no espaço de ensino superior.

Após o término do Estágio I, a professora supervisora entrou em contato com um breve relato sobre a vinda dos alunos para o nosso espaço. A professora comentou:

“Estamos contando com a possibilidade de apresentações na escola e também no teatro, porque uma das coisas que chamou a atenção dos alunos que foram foi justamente a criatividade necessária para compreender o cenário e os acontecimentos em torno do ambiente apresentado (...) (...) Eles estão acostumados a ver tudo nos vídeos, ao contrário do que ocorre em uma peça teatral ou num texto escrito. Essa onda de vídeos é ruim porque tira a possibilidade de liberarem a imaginação” (Professora, 09/07/2024).

Com a turma do estágio II, os alunos demonstraram desde o primeiro momento uma curiosidade sobre o que se faz no Curso de Teatro Licenciatura. A amostra de cenas, que realizamos a cada final de semestre, será apresentada em outubro e a turma está animada para participar deste momento, pois assistiram o texto que trabalhamos na aula “Os Mamutes” do dramaturgo Jô Bilac.

A pesquisadora Maria Lúcia Pupo fala sobre as pontes que as pessoas que são especializadas em teatro precisam construir entre essas duas esferas que normalmente estão separadas e que juntas têm seu potencial transformador para vida dos indivíduos (socialmente, academicamente, emocionalmente...). Pupo diz sobre o trabalho de um mediador: “A noção diz respeito a um profissional ou instância empenhados em promover a aproximação entre as obras e os interesses do público, levando em conta o contexto e as circunstâncias inseridas”. (PUPO, 2011, p.114)

Essas experiências demonstram que a parceria entre o ensino básico e superior pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, incentivando a autonomia e o pensamento crítico dos alunos. Ao fazer essa ponte com o ensino básico, não apenas transferem conhecimentos técnicos, mas também ampliam horizontes, incentivam o gosto pela Arte e cultura e a reflexão sobre a sociedade.

Com ações como esta, pode-se despertar nos alunos o desejo de explorar mais profundamente suas potencialidades, estimulando a produção cultural de artistas-pedagogos e pesquisadores da região. Além de essenciais para formar cidadãos mais conscientes, incide na formação de professores que passam a experimentar o mundo, sua evolução e aprendizagem junto com os alunos,

unindo-se à comunidade escolar em prol de uma formação de indivíduos críticos e engajados, que não apenas se adaptam ao mercado, mas que também têm o potencial de transformá-lo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, T. **A escola no teatro**: E o teatro na escola. Porto Alegre: Mediação, 2006.

hooks, b. Abraçar a Mudança, O ensino num mundo multicultural. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. Cap.3, p. 51-63

MARQUES, M.O. A Mediação da Docência na Sala de Aula. In: **A Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência**. 3.ed.rev - Ijuí : Ed. Unijuí, 2006. Cap. 5, p. 111-119

PUPO, M.L.S.B. Mediação Artística, Uma Tessitura em Processo. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v.2, n.17, p. 113-121, 2018.

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação. **A ida ao teatro**. São Paulo, 30 jun. 2009. Acessado em 29 set. 2024. Online. Disponível em: <https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/anexos/documentos/420090630140316a%20ida%20ao%20teatro.pdf>